

AS BRUXAS DA AMÉRICA LATINA: MEMÓRIAS DAS CICATRIZES

THE WITCHES OF LATIN AMERICA: MEMORIES OF SCARS

Lara Luiza Oliveira Amaral⁴³

Gilmei Francisco Fleck⁴⁴

RESUMO: A figura da “bruxa” é reconhecida em filmes, séries e livros de fantasia. A mulher com seu nariz longo, vestes escuras ou mesmo escondida por trás do rosto meigo de uma bela jovem nos é familiar. A história das “bruxas”, contudo, permanece silenciada e cheia de lacunas. A caça às bruxas, período correspondente aos séculos XV e XVIII, guarda um número ainda não identificado de mortos. O tema continua sendo tabu, esquecido, negado. Em pleno século XXI, Mariana Enriquez, autora argentina contemporânea, transfere um episódio de Inquisição para Buenos Aires. Em *As coisas que perdemos no fogo* (2017), o último conto de sua coletânea, narra-se a história de mulheres que decidem criar as suas próprias fogueiras. Analisamos neste texto como o corpo feminino e as suas cicatrizes estão atados à memória de um episódio tão longínquo e, ao mesmo tempo, tão presente. Dessa forma, utilizamos, como fundamentação teórica, alguns dos pressupostos de Federici (1998), Assmann (2011), Kramer e Heinrich (1487), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura argentina contemporânea; memórias; bruxas; representações do feminino.

ABSTRACT: The image of the “witch” is recognized in movies, series and fantasy books. The woman with a big nose, dark clothes or even hidden behind a gentle face of a young lady, is familiar to us. The history of the “witches”, however, remains in silence and full of gaps. The witch hunting, period that corresponds to the XV and XVIII centuries, keeps a number still not identified of deads. The theme is still considered a taboo, forgotten, denied. In the XXI century, Mariana Enriquez, contemporary Argentinian writer, moves an episode of the Inquisition to Buenos Aires. In *As cosas que perdemos no fogo* (2017), the last tale of her collection, one is told about the history of women who decided to create their own fires. We analyse in this piece of art how the female body and its scars are linked with the memories of an episode so distant and, at the same time, so present. Thus, we adopt as theoretical fundamentation some of the presumptions appointed by Federici (1998), Assmann (2011), Kramer and Heinrich (1487), and others.

KEYWORDS: Contemporary Argentinian Literature; memories; witches; representation of the feminine.

⁴³ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá – Brasil. Bolsista CNPq – Brasil. E-mail: lara luizaoliveira@gmail.com

⁴⁴ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Vigo – Espanha. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Brasil. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

*Witchcraft was hung, in History,
But History and I
Find all the Witchcraft that we need
Around us, every Day –
(Emily Dickinson)*

Em 1692, dezenove mortes marcaram a história do pequeno vilarejo de Salém, Massachussets, nos Estados Unidos. Guardamos na memória a história das “bruxas de Salém”, assistimos aos enforcamentos no cinema, lemos em peças e livros seus atos e ações⁴⁵. Marcamos a “caça às bruxas” de Salém com um dígito de apenas duas casas⁴⁶. A história, contudo, esconde um número incontável de mortes. Entre os séculos XV e XVIII, mulheres foram enforcadas, queimadas, torturadas em nome da fé cristã e de seus governantes. A sombra da culpa ainda recai e pesa para os predecessores: Nathaniel Hawthorne, da família de John Hathorne (famoso juiz durante os julgamentos de Salém), insere uma letra a mais em seu sobrenome em uma tentativa de livrar-se do peso que guarda a história de seu nome; em 2004, o papa João Paulo II pede perdão pelos crimes cometidos durante a Inquisição. Em contrapartida, a partir do advento do movimento feminista, e seu constante desenvolvimento, mulheres voltam a exhibir seus chapéus, vassouras e feitiços em busca de um redescobrimento de seu passado: “somos as netas das bruxas que vocês não conseguiram queimar”⁴⁷, elas dizem.

⁴⁵ Como exemplo mais famoso podemos citar a peça *The Crucible* (1953), traduzida como *As bruxas de Salém*, de Arthur Miller. Em uma tentativa de metaforizar a “Era Macartista” em que estava vivendo, Miller reconstrói o episódio de Salém, tendo como base as fontes históricas do “real” acontecimento.

⁴⁶ De acordo com a história de Salém, 19 foram o número de mortos durante o episódio.

⁴⁷ Expressão recorrente em grupos feministas atuais. Autoria desconhecida.

A arte tornou-se grande aliada das mulheres. Seja no âmbito literário, de artes plásticas ou visuais, seja na música ou no teatro, a figura feminina utiliza-se, cada vez mais, da arte para reforçar sua identidade e resgatar seu passado. Nesse processo, redescobrem-se escritoras esquecidas em séculos anteriores, estudam-se suas obras, transforma-se a literatura de autoria feminina em uma vertente literária. A literatura contemporânea revela muitos nomes de mulheres: Maria Valéria Resende, Angélica Freitas, Eliane Brum, Tatiana Salem Levy, Adriana Lisboa, entre outras.

Nesse contexto de autoria feminina atual, em Buenos Aires, Mariana Enriquez toma a voz e publica *As coisas que perdemos no fogo* (2016), uma coletânea de 12 contos curtos. A autora, em sua escrita, caminha em direção ao fantástico: insere nas narrativas acontecimentos sem explicação, reutiliza elementos clássicos do gótico, renasce os mortos e desconstrói figuras humanas em monstros. No último conto, que dá título ao livro, o fantástico apresenta-se a partir do “absurdo”: não há monstros, a casa não é assombrada, os mortos permanecem em suas covas. Encaramos, contudo, uma situação incomum e, ao mesmo tempo, assustadora.

Em “As coisas que perdemos no fogo”, Enriquez retoma a ideia da caça às bruxas e a insere no contexto atual da Argentina. Uma mulher foi violentamente queimada pelo marido e hoje exhibe suas cicatrizes no metrô. Pouco tempo depois, uma nova mulher é agredida pelo seu companheiro. Os casos crescem, os homens atiram álcool e depois lançam um fósforo sobre o corpo de suas esposas, namoradas e filhas. Já não há mais manchete, ninguém se assusta com os números, os corpos deformados continuam a encher o leito dos hospitais sem alarde. As mulheres, em revolta, decidem agir. Silvina, a protagonista da narrativa, relata as novas cerimônias: fogueiras são colocadas em locais isolados e as próprias mulheres se atiram contra o fogo. Não há mortes, tudo é calculado: 20 segundos. Com os corpos desconfigurados pelas

chamas, um novo grupo de mulheres passa a invadir as ruas de Buenos Aires, com seus sorrisos deformados e mãos carcomidas pelo fogo.

Enquanto Enriquez retoma um episódio da Inquisição em sua obra literária, a academia ainda ressentida e esquiva do tema em suas pesquisas. Pouco ainda se discute sobre a caça às bruxas na academia. Em 1998, Silvia Federici publica *Calibã e a bruxa*, traduzido para o português apenas em 2017. Na introdução de seu livro, Federici justifica a escolha do tema: “Ainda mais importante para este livro foi a intensificação da violência contra as mulheres, inclusive o retorno da caça às bruxas em alguns países” (FEDERICI, 2017, p. 25). A teórica menciona, também, algumas novas publicações sobre o tema e justifica a importância dessa produção acadêmica: “a reconstrução da história das mulheres, ou o olhar sobre a história por um ponto de vista feminino, implica uma redefinição fundamental das categorias históricas aceitas e uma visibilização das estruturas ocultas de dominação e exploração” (FEDERICI, 2017, p. 29). Nos dias de hoje, já não se colocam fogueiras em praças públicas ou se expõem shows de enforcamentos. Atualmente, a violência resiste escondida, entre as quatro paredes de um quarto, de uma casa, entre o “amor” de uma família. O corpo da mulher continua sendo objeto, com vida útil e passível de manuseio, violência e dominação. O homem, figura central da violência (seja na narrativa de Enriquez, seja na vida “real”), permanece sendo aquele que condena a “bruxa” para mais uma tortura.

Em nossa pós-modernidade, coloca-se o corpo decomposto de milhares de mulheres sob a maca para mais uma análise. Expõem-se suas cicatrizes e descobre-se que as feridas continuam sendo as mesmas de séculos anteriores. Talvez por isso os estudos feministas coloquem o corpo como ponto auge em suas discussões, trazendo o que Federici ressalta como “política do corpo”:

Partindo de uma análise da “política do corpo”, as feministas não somente revolucionaram o discurso filosófico e político, mas

também passaram a revalorizar o corpo. Esse foi um passo necessário tanto para confrontar a negatividade que acarreta a identificação de feminilidade com corporalidade, como para criar uma visão mais holística do que significa ser um ser humano. Essa valorização ganhou várias formas, desde a busca de saberes não dualistas até a tentativa (com feministas que veem a “diferença” sexual como um valor positivo) de desenvolver um novo tipo de linguagem e de “[repensar] as raízes corporais da inteligência humana”. Tal como destacou Rosi Braidotti, o corpo retomado não há de entender-se nunca como algo biologicamente dado. No entanto, *slogans* como “recuperar a posse do corpo” ou “fazer o corpo falar” foram criticados por teóricos pós-estruturalistas e foucaultianos que rejeitam como ilusório qualquer chamamento à libertação dos instintos. (FEDERICI, 2017, p. 32-33).

Em busca da libertação do corpo da mulher, as feministas devem arcar com o peso dos séculos de aprisionamento que envolve a figura feminina. Desde a clássica história bíblica, o corpo feminino é sempre aquele que tenta os homens. A mitologia da serpente exemplifica como Eva foi capaz de deturpar as ideias de Adão ao oferecer a ele o “fruto proibido”. A mulher, tida como “gênio fraco”, deixa-se levar pelas palavras da serpente com mais facilidade que o homem. A serpente lhe diz: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (GÊNESIS: 3: 4-5) e a mulher “viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe o fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu” (GÊNESIS 3:6). Eis que origina-se o pecado: “Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e cingiram” (GÊNESIS 3:7). Induzido por Eva, Adão peca e ambos recebem as palavras de Iahweh, que vocifera:

À mulher ele disse:

‘Multiplicareis as dores de tuas gravidezes,
na dor darás à luz filhos.

Teu desejo te impelirá ao teu marido

e ele te dominará’.
Ao homem, ele disse:
‘Porque escutaste a voz de tua mulher
e comeste da árvore que eu te proibira de comer,
maldito é o solo por causa de ti!
Com sofrimentos dele te nutrirás
todos os dias de tua vida.
Ele produzirá para ti espinhos e cardos,
e comerás a erva dos campos.
Com o suor do teu rosto
comerás teu pão
até que retornes ao solo
pois dele foste tirado.
Pois tu é pó
e ao pó tornarás’.”
(GÊNESIS 3: 16-19).

Desde então as mulheres suportam o peso do castigo de Eva: as dores do parto nunca foram aliviadas, a mulher segue “dominada” pelo homem. A “maldição divina” ecoa em pleno século XXI. O castigo de Adão reflete completamente à figura feminina: “porque escutaste a voz da tua mulher”, inicia a fala de Deus para o homem. A mulher é, portanto, duplamente pecadora: não somente pecou, mas também induziu seu companheiro ao pecado. Gênesis, sendo o princípio da vida, também será fonte inicial de muitos estudos posteriores. A imagem da mulher ficou atada ao pecado original de Eva, e até hoje arcamos com suas consequências.

O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard, um dos nomes fundantes da filosofia existencialista, era, contraditoriamente à grande maioria (Heidegger e Sartre, por exemplo), cristão. De acordo com o autor, para que o homem se libertasse da angústia, ele precisaria concretizar o salto para a fé. O grande exemplo adotado pelo filósofo é Abraão, que aceita a palavra divina e quase

mata seu próprio filho em nome de Deus. Abraão é, para Kierkegaard, o “cavaleiro da fé”, pois foi capaz de saltar diante do abismo. O conceito de angústia, para o filósofo, parte da ideia do pecado de Adão e Eva. De acordo com Kierkegaard, a mulher é mais propensa a se sentir angustiada devido a sua sensualidade. Em *O Conceito de Angústia* (1844), o autor ressalta: “Antes de tudo, é preciso notar que a mulher foi a primeira a ser seduzida, sendo ela, depois, a sedutora do homem.” (KIERKEGAARD, 2007, p. 56). A angústia é, dessa forma, mais presente em Eva do que em Adão:

O estado de derivação da mulher explica, também, em que sentido ela é mais débil que o homem, situação aceita em todas as épocas e tanto por um paxá como por um cavaleiro romântico. Entretanto, tal diferença não muda a igualdade essencial entre o homem e a mulher, apesar de sua diversidade. Como expressão da diferença, nota-se que a angústia é mais notada em Eva do que em Adão. E qual a razão? Está em que a mulher é mais sensual que o homem. [...] De acordo com a narrativa do Gênesis, Eva é quem seduz. (KIERKEGAARD, 2007, p. 78).

O conceito de angústia para Kierkegaard se torna um dos grandes marcos para a teoria existencialista. Dessa forma, vemos que, mesmo indiretamente, a imagem da mulher segue com a culpa do pecado. A “sedução”, presente no texto bíblico, ecoa em Kierkegaard como consequência da angústia feminina: “A mulher acumula mais angústia do que o homem: isto não está relacionado com a inferioridade de sua força física etc. (aqui não é o caso dessa espécie de angústia); existe mais angústia na mulher porque ela é mais sensual.” (KIERKEGAARD, 2007, p. 80-81). A sensualidade marca o corpo feminino e traz suas consequências: pecadora, submissa, angustiada.

No século XIX, Kierkegaard colocava a mulher como fonte maior de angústia, devido a sua sensualidade. No século XX, a psicanálise tranca a mulher em manicômios e a diagnostica como histérica, louca, depressiva. Fundada pelos estudos de Sigmund Freud, a psicanálise valoriza o corpo, principalmente

sua parte sexual, e o relaciona aos sintomas psicológicos de seus pacientes. Com base em Freud, Julia Kristeva publica *Sol negro: depressão e melancolia* (1987), e dedica um capítulo especial à figura feminina e à depressão. Para a autora, a “ausência do falo” em mulheres seria o que reforçaria a sua tendência à histeria e demais “falhas nas psique”:

Assim, a castração feminina não é des-erotizada, mas sim recoberta pela angústia narcísica que domina e abriga o erotismo como um segredo vergonhoso. Uma mulher, por mais que se esforce por não ter pênis a perder, sente-se perdida por inteiro – corpo e sobretudo alma – sob a ameaça da castração. Como se o seu falo fosse a sua psique, a perda do objeto erótico fragmenta e ameaça esvaziar toda sua vida psíquica. A perda, fora, é imediata e depressivamente vivida como um vazio dentro. Isso significa que o vazio psíquico e o afeto doloroso, que é a sua manifestação íntima e contudo intensa, instalam-se na posição e em nome da perda inconfessável. O procedimento depressivo inscreve-se a partir de e neste vazio. (KRISTEVA, 1989, p. 81-82).

Diferentemente do que pregava Kierkegaard entre o pecado e a sensualidade do corpo feminino, a psicanálise vê na mulher uma falta: o falo. Assim, a ideia de castração se torna falha em seu corpo e as suas consequências são ainda maiores. Pela “falta” do falo nas mulheres, a castração feminina reflete em sua própria psique. O que, conseqüentemente, justifica a sua propensão para doenças psicológicas, tais como a depressão e a histeria. O corpo feminino carrega o peso do pecado, da angústia, da depressão e da loucura. A ideia da mulher “louca” ou “histérica” foi, por muito tempo, ligada ao episódio da Inquisição. As meninas condenadas em Salém, por exemplo, ainda são consideradas por muitos como um grupo de meninas histéricas que, em um dado momento, enlouqueceram e enganaram a população.

A partir dos exemplos acima, vemos que “o corpo se tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade.”

(FEDERICI, 2017, p. 34). Ao optar por uma vertente mais social, Federici ressalta:

Nessa linha, *Calibã e a bruxa* mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos – maternidade, parto, sexualidade –, tanto dentro da teoria feminista quanto na história das mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 34).

Introduziu-se, assim, na teoria a importância do corpo para a história das mulheres. Marcada pela sensualidade e “escravizada” pela maternidade, a mulher perde o direito sobre o seu corpo e carrega nele a culpa de pecados que nunca cometeu. Além disso, vemos que a sociedade, cada vez mais, impõe padrões na qual o corpo (principalmente o feminino) deve se adaptar: magreza, cabelo liso, pele clara, maquiagem e roupas da moda. Qualquer figura que fuja a esse padrão é negada. Transforma-se a busca pelo padrão em uma doença: nunca se teve tantas academias, tantos salões de beleza, tantas lojas e marcas. Vale a ressalva que, com o advento do feminismo, assistiu-se a uma desconstrução do padrão – mesmo que em passos lentos e pequenos.

Como meio de representar esse universo feminino, Mariana Enriquez escolhe apenas mulheres como personagens centrais em seus contos. Em “As coisas que perdemos no fogo”, além da figura feminina tomar o foco, há uma ênfase no corpo e sua carga. A primeira vítima do fogo, a “garota do metrô”, enjoa os demais passageiros da estação. A descrição detalhada de suas cicatrizes é proposital:

Tinha o corpo e os braços completamente desfigurados por uma queimadura extensa, completamente e profunda; ela explicava quanto tempo lhe havia custado para se recuperar, os meses de infecções, hospital e dor, com a boca sem lábios e um nariz pessimamente reconstruído; restava-lhe um só olho, o outro era um buraco de pele, e a cara toda, a cabeça, o pescoço, uma máscara marrom percorrida por teias de aranha. Na nuca conservava uma mecha de cabelo comprido, que realçava o efeito máscara: era a única parte da cabeça que o fogo não havia alcançado. Tampouco havia alcançado as mãos, que eram morenas e estavam sempre um pouco sujas de manipular o dinheiro que ela mendigava. (ENRIQUEZ, 2017, p. 179-180).

A garota do metrô arca com o peso de suas cicatrizes. Seu corpo carrega as marcas de violência e ódio. Não o bastante, Enriquez ainda acrescenta mais detalhes a essa descrição: “A garota do metrô, além do mais, vestia-se com jeans justos, blusas transparentes e até sandálias de salto quando fazia calor. Usava pulseiras e correntinhas penduradas no pescoço. *O fato de seu corpo ser sensual era inexplicavelmente ofensivo*” (ENRIQUEZ, 2017, p. 180, grifos nossos). Mesmo o corpo violentado pelo homem, deformado pelo fogo, continua a carregar o peso da sensualidade. Lembramo-nos das “bruxas”, tão odiadas pelo seu “poder de sedução”, torturadas e estupradas em nome da fé.

Desse modo, o corpo feminino, mesmo que visto como fonte do pecado, permanece objeto de desejo, passível de (ab)uso. Federici ressalta essa relação entre o corpo feminino e a sexualidade: “o clero reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre os homens e tentou persistentemente exorcizá-lo, identificando o sagrado com a prática de evitar as mulheres e o sexo.” (FEDERICI, 2017, p. 80). A sexualidade se tornou um objeto de vergonha e até hoje suas consequências são vistas: o prazer da mulher foi recentemente descoberto, seus órgãos sexuais permaneceram até pouco tempo como uma incógnita, a menstruação segue, ainda, como tabu.

Muitos textos antigos sobre a demonização do corpo feminino podem ser citados. A bíblia, como mencionado anteriormente, abre a grande lista. Entre os

outros selecionamos, devido ao tema, a considerada “bíblia da Inquisição” dos séculos XIV e XV: *O martelo das feiticeiras* (1487), de Kramer e Heinrich, propõe questões e “soluções” para o problema da bruxaria, da mulher e seus demônios. Ao usarem como justificativas algumas passagens da bíblia, os autores demonizam a mulher. A passagem a seguir é significativa dessa visão:

E não obstante conhecerem um sem-número de formas para realizar seus atos malévolos e tentar, desde a sua queda, provocar o cisma na Igreja, desfazer a caridade, contaminar com a acridez da inveja a doçura dos atos dos santos, e de todos os modos subverter e perturbar a raça humana, mesmo assim o seu poder se confina às partes íntimas e ao útero. Ver Jó, 41. É por meio da lascívia da carne que exercem seu poder sobre os homens; e nos homens a fonte da lascívia se localiza nas partes íntimas, já que é dali que sai o sêmen, assim como nas mulheres sai do útero. (KRAMER, HEINRICH, 2016, p. 89).

Desse modo, a mulher seria a culpada pelos desvios dos homens. Isso porque, “a mulher é mais carnal que o homem, o que se evidencia pelas suas abominações carnis” (KRAMER, HEINRICH, 2016, p. 124). Fonte do pecado, a “deformação” da mulher vem desde o momento de sua criação: “houve uma falha na formação da primeira mulher, por ela ter sido criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem” (KRAMER, HEINRICH, 2016, p. 124), transformando a mulher em um animal para sempre imperfeito, que “sempre decepciona e mente” (KRAMER, HEINRICH, 2016, p. 124).

Enriquez parece se aproveitar dessa espécie de *karma* que envolve o corpo feminino e faz com que sua personagem, deformada pelo fogo, e ainda sensual, utilize de seu corpo e de sua sensualidade para atrair recompensas, como se pode observar no fragmento destacado abaixo:

Seu método era audaz: entrava no vagão e cumprimentava os passageiros com um beijo, se não fossem muitos, se a maioria viajasse sentada. Alguns afastavam o rosto com repugnância, até com um grito sufocado; alguns aceitavam o beijo sentindo-se bem consigo mesmos; alguns apenas deixavam que o asco lhes arrepiasse os pelos dos braços, e se ela o notasse, no verão, quando podia ver a pele nua deles, acariciava com os dedos imundos os pelinhos assustados e sorria com a boca que era um talho. Havia até quem descesse do vagão quando a via subir: os que já conheciam o método e não queriam o beijo daquela cara horrível. (ENRIQUEZ, 2017, p. 180).

O mesmo corpo maldito pelos homens, deformado pela sua violência, utiliza da sensualidade que ainda lhe cabe para conseguir ajuda. Ao mesmo tempo, a atitude da garota do metrô soa como uma espécie de “vingança”, uma forma de fazer com que as pessoas sintam suas cicatrizes, mesmo que apenas em um beijo ou toque de leve. O repúdio é claro, muitos recusam seu beijo, arrepiam-se ao seu toque. A garota do metrô, personagem do conto de Enriquez, será para sempre deformada, seu corpo carregará as cicatrizes de uma violência cujos gritos de socorro ninguém foi capaz de ouvir. Na narrativa, ao se aproximar e tocar os passageiros, ela evita que o seu caso seja, mais uma vez, apagado pelos demais: é preciso ver, é preciso tocar, é preciso sentir repúdio (de si mesmo e do outro).

Para Federici, essa marca constante de demonização que assola o corpo feminino traz consequências: “A definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atroztes e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixaram marcas indeléveis em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades.” (FEDERICI, 2017, p. 203). A caça às bruxas, por exemplo, trouxe consequências tanto sociais, quanto econômicas, culturais e políticas para a vida das mulheres: “destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista” (FEDERICI, 2017, p. 203-204). No período das caça às bruxas, as mulheres não podiam andar em grupos, ter amigas ou qualquer relação com outra pessoa do mesmo sexo, pois isso era

sempre tido como algo perigoso. No conto de Enriquez, após o início das fogueiras, as mulheres também são proibidas de andar em público sem o acompanhamento de um homem. Sobre o comportamento feminino, Federici ressalta: “os caçadores de bruxas estavam menos interessados no castigo de qualquer transgressão específica do que na eliminação de formas generalizadas de comportamento feminino – que já não toleravam e que tinham que se tornar abomináveis aos olhos da população.” (FEDERICI, 2017, p. 305-306). Qualquer semelhança dessa situação passada com os ditos machistas atuais nunca foi “mera coincidência”.

Marcados pelo fogo, os corpos das mulheres arcam com as cicatrizes de um passado não tão distante. As memórias são constantemente revividas e a sobrevivência é sempre uma possibilidade. Uma vez que introduzimos reflexões sobre a questão do corpo feminino, adentramos, agora, em suas cicatrizes.

Corpo, memória e cicatriz é o enfoque que dá Aleida Assmann em um dos capítulos de *Espaços da recordação* (2011). De acordo com Assmann, “as escritas do corpo surgem através de longe habituação, através de armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência” (ASSMANN, 2011, p. 260). Por isso a importância das *cicatrizes*. Baseando-se na teoria da mnemotécnica de Nietzsche, Assmann ainda ressalta: “mais que isso, a memória está coberta com uma escritura cultural, inscrita no corpo de forma direta e inextinguível.” (ASSMANN, 2011, p. 263). Seja no século passado, ou em muitos anteriores, a memória das cicatrizes continua a assolar, culturalmente, o corpo feminino. A violência contra a mulher é, infelizmente, uma constante que independe da época. Os inquisidores traziam até justificativas para as torturas que cometiam: “bruxaria é alta traição contra a Majestade de Deus. E assim os acusados devem ser torturados para que confessem o seu crime. Qualquer pessoa, de qualquer classe, posição ou condição social, sob acusação dessa natureza, pode ser submetida à tortura.” (KRAMER, HEINRICH, 2016, p. 61).

Ainda sobre a violência contra a mulher em tempos de Inquisição, Federici detalha que,

[...] o sadismo sexual demonstrado durante as torturas às quais eram submetidas as acusadas revela uma misoginia sem paralelo na história e não pode ser justificado a partir de nenhum crime específico. De acordo com o procedimento padrão, as acusadas eram despidas e depiladas completamente (se dizia que o demônio de escondia entre seus cabelos); depois, eram furadas com longas agulhas por todo o corpo, inclusive na vagina, em busca do sinal com o qual o diabo supostamente marcava suas criaturas (tal como os padrões da Inglaterra faziam com os escravos fugitivos). Muitas vezes, elas eram estupradas; investigava-se se eram ou não virgens – um sinal da sua inocência; e, se não confessavam, eram submetidas a ordálias ainda mais atrozes: seus membros eram arrancados, sentavam-nas em cadeiras de ferro embaixo das quais se acendia fogo; seus ossos eram esmagados. E, quando eram enforcadas ou queimadas, tomava-se cuidado para que a lição a ser extraída de sua pena não fosse ignorada. A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas, que, em alguns casos, eram açoitadas em frente à fogueira na qual podiam ver a mãe ardendo viva. (FEDERICI, 2017, p. 333-334).

A violência, assim, acompanha as memórias das mulheres, pois é através das cicatrizes que vêm as lembranças. Assmann cita a tese “dor como o acessório mais poderoso da mnemotécnica” de Nietzsche, que a explica em um jogo simples de pergunta e resposta: “Sua pergunta: ‘Como se cria uma memória para o animal humano? Como se entalha nesse entendimento de natureza instantânea, em parte embotado, e em parte confuso, nesse esquecimento encarnado, alguma coisa de modo que ela permaneça ali?’”, a resposta: “‘Marcase a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, o que *dói*, fica na memória” (ASSMANN, 2011, p. 263). As memórias das cicatrizes acompanham a dor de uma ferida nunca fechada.

Os crimes de feminicídio descritos no conto de Enriquez ecoam o mesmo teor violento de épocas atrás: a garota no metrô teve o corpo encharcado com álcool e depois o marido jogou-lhe o isqueiro acesso porque ela iria abandoná-

lo para ficar com outro rapaz. A segunda vítima no conto teve uma garrafa de álcool esvaziada em seu corpo e um fósforo atirado nela enquanto dormia, isso por uma briga com o namorado. Dois atentados não foram suficientes, pois, conforme relata o narrador:

[...] foram necessárias muitas mulheres queimadas para que começassem as fogueiras. É contágio, explicavam os especialistas em violência de gênero em jornais e revistas e rádio e televisão e onde mais pudessem falar: era tão complexo informar, diziam, porque por um lado era preciso alertar sobre os feminicídios e, por outro, falar do assunto provocava aqueles efeitos, parecidos ao que ocorre com os suicídios entre adolescentes. Homens queimavam namoradas, esposas, amantes, por todo país. Com álcool a maioria das vezes, como Ponte (de resto, o herói de muitos), mas também com ácido, e num caso particularmente horrível a mulher tinha sido atirada em pneus que queimavam no meio de uma estrada por causa de algum protesto de trabalhadores. (ENRIQUEZ, 2017, p. 183-184).

Na ficção de Enriquez, a exibição do caso torna-se pretexto para outros. Vemos o “efeito Werther” se converter em violência contra o outro, e não mais contra si mesmo. Na narrativa, o grande número de casos transforma o ato em fato banal, perde a audiência, torna-se “normal”. As cicatrizes, contudo, continuam a arder no corpo das mulheres violentadas, seja ela na ficção, seja na realidade contemporânea.

Assmann, tendo por base os estudos do etnólogo Pierre Clastres, ressalta: “uma memória corporal se fixa, mesmo depois do alívio da dor, em traços e cicatrizes: ‘Depois da iniciação, quando já ficou esquecida a dor, ainda resta algo, um resíduo irreversível, os vestígios que a faca ou a pedra deixam no corpo, as cicatrizes das feridas recebidas.’” (ASSMANN, 2011, p. 264). A autora traz, como exemplo, as cicatrizes de soldados em guerra: os membros faltantes, as cicatrizes profundas, as sequelas, serão para sempre uma memória física da batalha.

No conto de Enriquez, lemos a teoria das memórias das cicatrizes de Assmann em um sentido metafórico, além do físico. As personagens de Enriquez carregam as marcas de seus maridos, de si mesmas (com as fogueiras), mas, também, arcam com o peso de feridas abertas séculos atrás. O peso da violência contra as mulheres as assusta e elas sentem-se no direito de tomar uma atitude semelhante àquela a qual, um dia, foram submetidas: sendo ameaçadas pelas chamas lançadas por maridos e companheiros, elas decidem organizar suas próprias fogueiras, como se representa no fragmento à continuação:

A cerimônia foi ao entardecer. Silvina usou a função do vídeo de uma câmera fotográfica: os telefones estavam proibidos e ela não tinha uma câmera melhor, também não queria comprar uma, porque eram rastreadas. Filmou tudo: as mulheres preparando a pira, com enormes galhos secos das árvores do campo, o fogo alimentado com jornais e gasolina até alcançar mais de um metro de altura. Estavam campo adentro – um arvoredo e a casa ocultavam a cerimônia da estrada. O outro caminho, à direita, ficava distante demais. Não havia vizinhos nem peões. Não mais, àquela hora. Quando caiu o sol, a mulher escolhida caminhou para o fogo. Lentamente. Silvina pensou que a garota ia se arrepender porque chorava. Tinha escolhido uma canção para sua cerimônia que as demais – umas dez, poucas – cantavam: “Aí vai teu corpo ao fogo, aí vai/ Consome-o logo, acaba com ele sem o tocar”. Mas a mulher não se arrependeu. Entrou no fogo como se numa piscina de natação, mergulhou, disposta a submergir: não havia dúvida de que o fazia por vontade própria; uma vontade supersticiosa ou incitada, mas própria. Ardeu apenas por vinte segundos. Cumprindo esse prazo, duas mulheres protegidas por amianto a tiraram das chamas e a levaram às pressas ao hospital clandestino. Silvina interrompeu a filmagem antes que fosse possível ver o edifício. (ENRIQUEZ, 2017, p. 187).

Na audaz ficção de Enriquez, a tortura de outrora é transformada em cerimônia. Tal ação relembra as histórias clássicas de bruxas e, na arte literária contemporânea, vemos uma união de mulheres a praticar bruxarias e atos que assustam: “As queimas são feitas pelos homens, menina. Sempre nos queimaram. Agora nós mesmas nos queimamos. Mas não vamos morrer, vamos mostrar *nossas cicatrizes*.” (ENRIQUEZ, 2017, p. 186, grifos nossos). Em

concordância, Assmann ressalta: “A memória corporal das feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental.” (ASSMANN, 2011, p. 265). Assim, levando no corpo suas próprias cicatrizes, as memórias das mulheres um dia queimadas não será jamais esquecida.

Um novo grupo de mulheres é formado na ficção de Enriquez. A primeira vítima, aquela que assustava os passageiros no metrô, questiona: “Se continuarem assim, os homens vão ter que se acostumar. A maioria das mulheres vai ser como eu, se não morrer. Seria ótimo, não? Uma beleza nova.” (ENRIQUEZ, 2017, p. 184). Os traços da sensualidade são deformados, perdem sua definição e, como expressa a personagem, “os homens vão ter que acostumar.” Tal atitude das personagens do conto pode ser a representação de uma consequência daquilo que Federici pontua: “para as mulheres o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão, e por que ele tem tanta importância para as feministas, ao mesmo tempo em que é tão problemática a sua valoração.” (FEDERICI, 2017, p. 34). Membros e pele aprisionam as cicatrizes das personagens e transformam a memória em um presente constante. A “deformação voluntária” das personagens do conto de Enriquez é um retrato da violência a qual as mulheres sempre foram submetidas. A “nova beleza” torna-se, de acordo com a garota do metrô, uma espécie de proteção:

Não vai parar, tinha dito a garota no metrô num programa de entrevistas pela televisão. Vejam o lado bom, dizia, e ria com sua boca de réptil. Pelo menos não existe mais tráfico de mulheres, porque ninguém quer um monstro queimado e nem essas loucas argentinas que um belo dia vão e se tacam fogo – e numa dessas incendeiam o cliente também. (ENRIQUEZ, 2017, p. 189).

As personagens, assim, prisioneiras de seu aspecto físico, têm na deformação uma proteção ao tráfico e aos estupros e isso impede a prostituição de seus corpos. A visão das personagens-mulheres recém saídas do hospital era

penosa e assustava os demais moradores da cidade: “as caras horríveis iluminadas pelo sol da tarde, com os dedos, às vezes sem falanges, segurando uma xícara. Será que lhe dariam trabalho? Quando chegaria o mundo ideal de homens e monstras.” (ENRIQUEZ, 2017, p. 189). A aparência física de “monstras” seria uma possível representação da forma de forçar uma visão além do corpo, além do físico e, conseqüentemente, além do sensual, do sexual.

Assim como os demais contos de Enriquez, a história não se conclui. Ao final da narrativa, a protagonista, Silvina, vai com a sua mãe visitar uma das mulheres presas por ter iniciado as fogueiras. A narrativa revela as personagens receosas de que María Helena pudesse estar sendo agredida pelas outras mulheres na prisão. Contudo, elas se surpreendem quando percebem que a ela é tratada bem. María Helena, a personagem que fora presa, explica-lhes: “É que eu falo com as meninas. Conto-lhes que sempre queimaram a nós, mulheres, que nos queimaram durante quatro séculos! Não conseguem acreditar, não sabiam nada sobre os julgamentos das bruxas, percebem? A educação neste país foi para o cacete.” (ENRIQUEZ, 2017, p. 190). Essa visão da personagem do conto sobre o sistema de educação muito se assemelha com aquele atual em vários países da América Latina. Uma grande maioria da população não sabe o que aconteceu durante o período da Inquisição, pois ele nunca foi estudado, apresentado, discutido. Cria-se a história com lacunas e transformam-se eventos em apenas meras recordações abstratas, sem fundamento ou conhecimento. Apagam-se da memória e, conseqüentemente, da história muitos fatos do passado.

A personagem María Helena, após conversar com as demais detentas e explicar para elas sobre as fogueiras de antigamente, menciona que elas querem saber quando tudo isso vai parar:

- Ah, querem saber quando as fogueiras vão parar.

- E quando vão parar?
- Ah, sei lá, filha, por mim elas não parariam nunca!
- [...]
- Algumas meninas dizem que vão parar quando chegarem ao número da caça às bruxas da Inquisição.
- Isso é muito – disse Silvina.
- Depende – interveio sua mãe. – Há historiadores que falam de centenas de milhares, outros de quarenta mil. (ENRIQUEZ, 2017, p. 190).

Em um diálogo simples entre as personagens na prisão, Enriquez insere uma crítica severa aos historiadores e à própria história. Quantas morreram? Quantas *ainda* precisarão morrer? Os números são abstratos, a história não conta esse “detalhe”. Até hoje o número de mortos durante o período da caça às bruxas é borrado: centenas de milhares ou quarenta mil? O final em aberto do conto angustia o leitor que espera por uma resposta, uma explicação. Quantas fogueiras ainda existirão? Mais uma vez, a história não mostra um número. É necessário continuar lendo nas cicatrizes do corpo feminino as marcas da violência, as histórias ocultas, as memórias não esquecidas.

A caça às bruxas ainda é um tema negado na academia. A crítica de Enriquez, articulada em um diálogo rápido entre três mulheres, questiona aquilo que a Federici também inquieta com relação à ausência de estudos sobre o tema: “Até hoje, continua sendo um dos fenômenos menos estudados na história da Europa ou, talvez, da história mundial” (FEDERICI, 2017, p. 290), menciona a estudiosa. Outro ponto levantado por Federici para essa falha na história é com relação à classe a que pertenciam as “bruxas”:

O fato de que a maior parte das vítimas da Europa tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação a tal genocídio; uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando

não uma questão de folclore. Inclusive, os estudiosos da caça às bruxas (no passado eram quase exclusivamente homens) foram frequentemente dignos herdeiros dos demonólogos do século XVI. Ainda que deplorassem o extermínio das bruxas, muitos insistiram em retratá-las como tolas miseráveis que sofriam com alucinações. Desta maneira, sua perseguição poderia ser explicada como um processo de “terapia social” que serviu para reforçar a coesão amistosa (Midelfort, 1972, p. 3), ou poderia ser descrita em termos médicos como um “pânico”, uma “loucura”, uma “epidemia”, todas caracterizações que tiram a culpa dos caçadores das bruxas e despolitizam seus crimes. (FEDERICI, 2017, p. 290).

A garota no metrô, personagem da narrativa de Enriquez, é pobre, o que corresponderia às camponesas que menciona Federici. As demais personagens queimadas na narrativa divergem quanto a sua classe, mas o silenciamento permanece o mesmo em todos os casos. Devido à falta de estudos mais apropriados sobre o tema, preenche-se o evento histórico com lacunas e dúvidas: pânico? loucura? epidemia? Esquece-se da capacidade humana do mal e suas atitudes inconsequentes em nome da fé, do poder, do dinheiro. Em uma aproximação entre a peça *As bruxas de Salem*, de Arthur Miller, e o evento histórico de Salem, Edmund S. Morgan em *Miller’s The Crucible and the Salem Witch Trials: a historian’s view* (2007), levanta uma justificativa para o nosso distanciamento em eventos tais como a Inquisição, guerras e demais atrocidades humanas:

Enquanto nós identificarmos o mal no mundo com algum credo particular ou com outras pessoas retomas no tempo ou espaço, nós nos bajulamos e reduzimos a dignidade e grandeza daqueles que resistem ao mal. Os alemães, nós dizemos, ou os Russos, são bestas inumanas que esmagam a humanidade na lama. Nós nunca faríamos uma coisa dessas. Belsen está na Alemanha. A aldeia de Salém está no século XVII. É um pensamento reconfortante e ilusório. Ele nos permite escapar do conhecimento doloroso que fez parte das grandes religiões, conhecimento, aliás, que os Puritanos sempre mantiveram diante de si, o conhecimento de que todos nós somos capazes do mal. A glória da dignidade humana é que qualquer homem possa mostrá-la. A tragédia é que nós todos somos

igualmente capazes de negá-la. (MORGAN, 2007, p. 21, tradução nossa)⁴⁸.

Ainda que um evento dê mais ênfase ao território Europeu, a Inquisição produziu sequelas no mundo inteiro. O caso se repetiu com as torturas contra os judeus durante a Segunda Guerra, as atrocidades são descritas em livros de história, mas não se toma real conhecimento do número em cada lista de mortos. A distância entre nós e os casos mais cruéis da humanidade faz com que o ser humano se esqueça da sua capacidade inerente de fazer o mal. As “bruxas” da América Latina, presentes na narrativa de Enriquez, são um reflexo do maior crime de feminicídio da história.

Em busca de maior liberdade – do corpo, das escolhas, do sexo –, um novo grupo de mulheres começou a tomar forma. Com o advento do movimento feminista e a associação das feministas com a figura da “bruxa”, a caça às bruxas, séculos mais tarde, emerge novamente, pois

[...] as feministas reconheceram rapidamente que centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder. Também se deram conta de que essa guerra contra as mulheres, que se manteve durante um período de pelo menos dois séculos, constituiu um ponto decisivo na história das mulheres na Europa, o “pecado original” no processo de degradação social que as mulheres sofreram com a chegada do capitalismo, o que conforma, portanto, como um fenômeno ao qual devemos retornar de forma reiterada se quisermos compreender a misoginia que ainda caracteriza a prática institucional e as reações entre homens e mulheres. (FEDERICI, 2007, p. 291-292).

⁴⁸ Original: “As long as we identify the evil in the world with some particular creed or with some other people remote in time or place we flatter ourselves and cheapen the dignity and greatness of those who resist evil. The Germans, we say, or the Russians are inhuman beasts who trample humanity in the mud. We would never do such a thing. Belsen is in Germany. Salem Village is in the seventeenth century. It is a comforting and specious thought. It allows us to escape from the painful knowledge that has informed the great religions, knowledge incidentally that the Puritans always kept before them, the knowledge that all of us are capable of evil. The glory of human dignity is that any man may show it. The tragedy is that we are all equally capable of denying it”.

A semente da misoginia foi plantada e hoje é preciso revelar suas raízes para compreendê-la. Retomamos aqui o texto bíblico sobre a primeira mulher e o “pecado original”, vimos a influência de sua interpretação na filosofia kierkegaardiana, reencontramos a influência do corpo feminino nas discussões da psicanálise. Encontramos, no discurso dos inquisidores de séculos passados, as justificativas para o machismo, feminicídio e preconceitos do século XXI. O corpo da mulher exposto em propagandas, filmes e séries, continua a conter um demônio escondido que atrai os homens, alimenta o mercado, vende o produto. Contudo, é preciso servir ao padrão, encaixar-se nas medidas, não ultrapassar o peso limite. Cada corpo “disforme” do esperado é julgado, excluído, maldito.

Mariana Enriquez retoma o episódio passado da Inquisição e o realoca em terras argentinas. Vemos, na ficção atual, as bruxas do período da Inquisição reviverem seus traumas nos anos 2000. Enriquez reforça a ideia das memórias das cicatrizes que o corpo feminino carrega. Os crimes contra mulheres, descritos em seu conto, retratam o número crescente de feminicídios. A autora recupera a ideia do fogo como punição e coloca, novamente, o fósforo em mãos masculinas. As mulheres guardam em suas cicatrizes as memórias da dor, como propunha Assmann a partir da teoria de Nietzsche. E, tomadas pelo medo, elas próprias decidem organizar suas fogueiras, tornando-se, pela primeira vez na história, as responsáveis pelas suas cicatrizes.

O corpo, que desde o princípio bíblico carrega a culpa do pecado, é agora deformado e caminha pelas ruas de Buenos Aires com suas marcas e partes consumidas pelas chamas. As cicatrizes do corpo trazem as memórias de algo que jamais foi esquecido – nem pelas mulheres e muito menos pelos homens. A pergunta ecoa sem resposta: quantas fogueiras ainda serão necessárias?

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

ENRIQUEZ, Mariana. *As coisas que perdemos no fogo*. Trad. José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

MORGAN, Edmund S. *Miller's The Crucible and the Salem Witch Trials: A Historian's View*. In: BLOOM, Harold. *Bloom's Modern Critical Views: Arthur Miller – New Edition*. New York: Infobase Publishing, 2007, pp. 9-22.

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca e Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 2007.

KRAMER, HEINRICH. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paulo Froés, Rose Marie Muraro, Carlos Byington. 3 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

Recebido em 01/11/2018.

Aceito em 04/01/2019.